
PRODUÇÃO, EDUCAÇÃO E SAÚDE NA TERRA INDÍGENA KAXARARI: UMA AVALIAÇÃO DAS DEMANDAS SOB O OLHAR DAS MULHERES INDÍGENAS

**PRODUCTION, EDUCATION AND HEALTH IN THE KAXARARI INDIGENOUS LAND: AN
ASSESSMENT OF DEMANDS FROM THE PERSPECTIVE OF INDIGENOUS WOMEN**

**PRODUCCIÓN, EDUCACIÓN Y SALUD EN LA TIERRA INDÍGENA KAXARARI: UNA
EVALUACIÓN DE LAS DEMANDAS DESDE LA PERSPECTIVA DE LAS MUJERES INDÍGENAS**

Hellen Virginia da Silva Alves¹

Maria José Pires de Santana²

Roneide Soares Nunes³

Cleiciane Costa Cezar Kaxarari⁴

Regiane Alves da Costa Kaxarari⁵

RESUMO: O presente estudo foi idealizado a partir de dois trabalhos de campo realizados na Terra Indígena Kaxarari, localizada entre os estados de Rondônia e Amazonas. Objetiva o mapeamento das principais demandas do coletivo a respeito da saúde, educação e produção rural e artesanal a partir da perspectiva das mulheres do coletivo. Para alcance do objetivo proposto foi empregado o método fenomenológico e técnicas de etnografia, observação participante e rodas de conversa analisadas segundo o discurso do sujeito coletivo (DSC). Constatou-se que a percepção feminina sobre as demandas do coletivo é profunda e repleta de nuances que resultam em múltiplas demandas, sejam relacionadas ao empoderamento pelo acesso à educação de qualidade e em todos os níveis ou pelo empoderamento econômico e financeiro proporcionado pela melhoria, diversificação e escoação da produção rural e artesanal.

Palavras-chave: Produção. Educação. Saúde. Demandas. Mulheres Kaxarari.

ABSTRACT: The present study was conceived based on two fieldwork carried out in the Kaxarari Indigenous Land, located between the states of Rondônia and Amazonas. It aims to map the main demands of the collective regarding health, education and rural and artisanal production from the perspective of the women of the collective. To achieve the proposed

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Apoio da Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia- FAPERÓ e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO/UNIR. E-mail: hellenalves_pvh@hotmail.com.

2 Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC. Pesquisadora do GEPGÊNERO/UNIR. E-mail: mariapsantana2407@gmail.com.

3 Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Pesquisadora do GEPGÊNERO/UNIR. E-mail: roneidesoares@hotmail.com.

4 Liderança do coletivo de mulheres Kaxarari.

5 Liderança do coletivo de mulheres Kaxarari. Professora de Ensino Fundamental da aldeia Nova. Brasil. E-mail: regianekaxarari@gmail.com.

Artigo recebido em dezembro de 2020 e aceito para publicação em junho de 2021.

objective, the phenomenological method and techniques of ethnography, participant observation and conversation circles were analyzed according to the discourse of the collective subject (CSD). It was found that the female perception of the collective demands is profound and full of nuances that result in multiple demands, whether related to empowerment through access to quality education at all levels or through the economic and financial empowerment provided by improvement, diversification and disposal of rural and artisanal production.

Keywords: Production. Education. Cheers. Demands. Kaxarari women.

RESUMEN: El presente estudio se concibió a partir de dos trabajos de campo realizados en la Tierra Indígena Kaxarari, ubicada entre los estados de Rondônia y Amazonas. Tiene como objetivo mapear las principales demandas del colectivo en materia de salud, educación y producción rural y artesanal desde la perspectiva de las mujeres del colectivo. Para lograr el objetivo propuesto, se analizaron el método fenomenológico y las técnicas de la etnografía, la observación participante y los círculos de conversación según el discurso del sujeto colectivo (CSD). Se encontró que la percepción femenina de las demandas colectivas es profunda y llena de matices que se traducen en múltiples demandas, ya sea relacionadas con el empoderamiento a través del acceso a una educación de calidad en todos los niveles o mediante el empoderamiento económico y financiero que brinda la mejora, la diversificación y disposición de la producción rural y artesanal.

Palabras clave: Producción. Educación. Salud. Demandas. Mujeres Kaxarari.

INTRODUÇÃO

Podemos considerar os povos indígenas historicamente como os primeiros representantes da cena da diversidade social e cultural brasileira, uma vez que esses povos correspondem aos habitantes nativos do território brasileiro. Apesar disso, ainda hoje os indígenas são alcançados pela exploração econômica e pela exclusão social que se originou nos primórdios da colonização brasileira.

Seu modo de vida e cultura foram marginalizados e sofreram diversas tentativas de apagamento e silenciamento que ainda hoje persistem. Dentro do contexto de exclusão social, recaem sob as mulheres indígenas interseccionalidades relacionadas à classe, raça e gênero que acentuam condições de vulnerabilidades, criam demandas específicas do universo feminino indígena e formas particulares de perceber e lidar com os desafios cotidianos.

Portanto, para conhecer e pensar as demandas do coletivo indígena se faz necessário criar espaços de fala e estar disposto a escutar a comunidade realizando um recorte de gênero, ou seja, ouvir a juventude, as mulheres, os homens, as anciãs e os anciãos. Dessa forma as generificações cedem lugar às diferentes percepções dos grupos sociais que compõem o coletivo indígena sobre o que de fato são demandas significativas.

Os dados apresentados neste artigo correspondem às coletas realizadas em dois trabalhos de campo durante os períodos de novembro de 2018 e abril de 2019, na Terra Indígena Kaxarari. O grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, atendendo o convite da Organização das Famílias Indígenas Kaibu Kaxarari-OFKK, criou o projeto Viver Kaxarari com o intuito de auxiliar o povo Kaxarari na captação de recursos capazes de atender, ainda que em parte, as demandas do coletivo indígena por meio de

parcerias com instituições públicas, privadas e não governamentais. Dentre os objetivos do projeto está o mapeamento de demandas e a criação e execução de parcerias para atendê-las.

Este estudo objetiva a apresentação das demandas consideradas como essenciais pelas mulheres do coletivo Kaxarari: produção rural e artesanal, educação e saúde. Para compreendermos os anseios e as necessidades mais urgentes do coletivo, segundo a percepção das mulheres Kaxarari, foi empregado o método fenomenológico, pois o mesmo “[...] é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 01-02).

O aprofundamento e aporte teórico dessa pesquisa se deu através do recorte de gênero fundamentado pela Geografia de Gênero. Para captar a percepção feminina foi necessária a criação de um espaço de fala para que pudéssemos ouvir as mulheres e as anciãs, uma vez que o coletivo pesquisado tem como hábito comum o espaço público de fala para homens, jovens e idosos. Assim sendo, empregamos a metodologia de roda de conversas para a criação de um espaço de fala compartilhado entre as mulheres indígenas Kaxarari. Nas rodas de conversa elas foram estimuladas a verbalizar suas percepções, opiniões, incertezas e expectativas quanto às demandas prioritárias para a qualidade de vida do coletivo.

METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo da pesquisa foram empregados os métodos etnográfico e fenomenológico. A etnografia fundamentou a realização de um estudo descritivo dos aspectos de uma sociedade (NASCIMENTO SILVA, 2002). Logo, para a compreensão das demandas prioritárias segundo o olhar feminino, se fez necessário o estudo da sociedade a qual pertencem os indivíduos do grupo cultural estudado.

O método fenomenológico nos permitiu compreender e analisar a realidade gerando uma reflexão do mundo como ele é para o indivíduo. A Fenomenologia deixa-se praticar e reconhecer como realmente existe, ou seja, é necessário descrever o real fazendo uma reflexão da experimentação e aprendizagem, recolocando numa subjetividade de lado do seu ser e do tempo (MERLEAU-PONTY, 1996). Nesse sentido, a fenomenologia é uma forma de percebermos a realidade através das imagens que construímos do mundo vivido e na relação espaço-tempo. Portanto, a fenomenologia proporciona abordagens à Geografia e oportunidade de perceber o mundo vivido e o mundo imaginado e a partir daí surge uma nova forma de analisar categorias geográficas como o espaço, o lugar e o território, permitindo outras alternativas de narrativas e outros olhares sobre culturas diferentes.

Na intenção de atuar com novas alternativas de narrativas sobre a cultura Kaxarari, buscamos o olhar feminino como expressão máxima da percepção sobre as demandas do coletivo. Porém, em função do modo de vida e dos hábitos do coletivo se fez necessária a busca por um espaço de fala para as mulheres indígenas Kaxarari, onde elas pudessem expressar suas percepções e opiniões, fato que não costuma ser frequente no cotidiano do coletivo. Como alternativa para a problemática encontrada realizamos rodas de conversa e empregamos como metodologia de análise o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Segundo Figueiredo, Chiari e Goulart (2013, p. 130):

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos, desenvolvido por Lefevre e Lefevre no fim da década

de 90, e tem como fundamento a teoria da Representação Social. O DSC é um discurso-síntese elaborado com partes de discursos de sentido semelhante, por meio de procedimentos sistemáticos e padronizados.

Através dessa metodologia foi possível registrar e organizar os dados fornecidos por 21 mulheres Kaxarari. O Discurso do Sujeito Coletivo evidenciou a percepção femininas sobre as demandas da comunidade e os sonhos das mulheres Kaxarari que se relacionam com a melhoria da qualidade de vida do coletivo. O registro e posterior a análise das falas foi organizado mediante a distribuição das participantes em 5 (cinco) grupos focais, nomeados de acordo com os temas Saúde e Educação; Segurança x violência; Produção Rural e Artesanal; Lazer e Cultura e Juventude e Idosos. No entanto, neste estudo apresentaremos o resultado do mapeamento de demandas mencionadas nos grupos “Produção Rural e Artesanal” e “Educação e Saúde”.



Fonte: ALVES, H. V. da S. Acervo Pessoal. 2019.

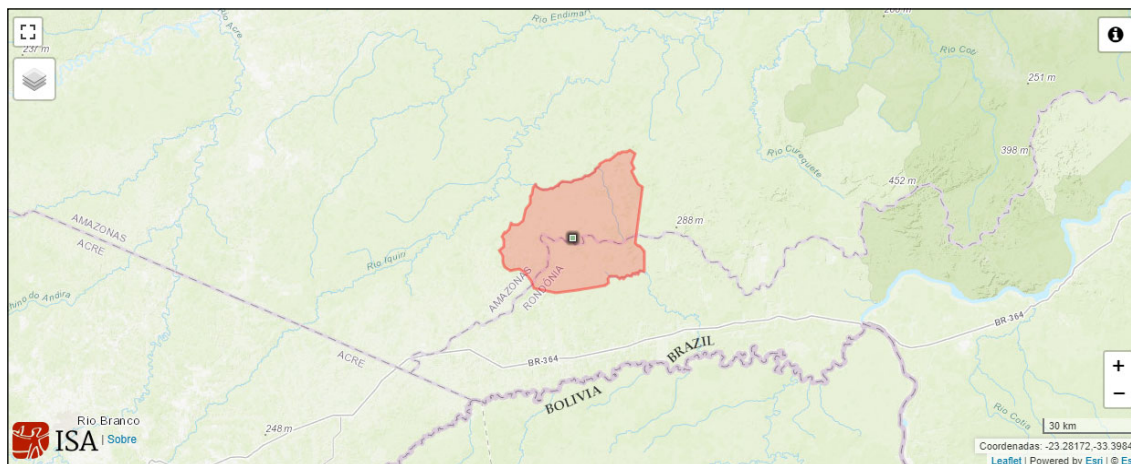
Figura 1. Roda de conversa com mulheres Kaxarari.

Além das rodas de conversa foi empregada a técnica da observação participante que permite ao pesquisador compartilhar momentos do cotidiano da comunidade pesquisada. Nascimento Silva e Silva (2014, p. 67), afirmam que “A observação é um elemento imprescindível na coleta de informações, é através dela que se inicia o primeiro contato com o entrevistado”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Recorte espacial da pesquisa: Terra Indígena Kaxarari

Localizada na Amazônia Legal brasileira, entre os Estados do Acre, Rondônia e Amazonas, nas proximidades da rodovia federal BR-364, em uma faixa territorial de conflitos conhecida como “arco do desmatamento”, está a Terra Indígena Kaxarari, homologada pelo Decreto de 13/08/92, como ilustra o mapa da localização a seguir (Figura 2):



Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3727>.

Figura 1. Mapa da Terra Indígena Kaxarari.

Nesse território vive uma população de aproximadamente 350 pessoas que estão distribuídas em nove aldeias; Pedreira, Paxiuba, Barrinha, Central, Nova, Marmelinho, Txakubi, Kawapu e Buriti.

A Terra Indígena Kaxarari atualmente tem uma extensão 145.889 hectares, segundo dados do Instituto Socioambiental – ISA (2009). Em 1994 foi criada a Associação das Comunidades Indígenas Kaxarari (ACIK), que nasceu através do processo de reivindicação e enfrentamento pelo território, com o objetivo de fortalecer, organizar e incentivar a luta pela terra. Interessante observar que foi através dessa luta que as mulheres e homens ganharam força, e atualmente participam ativamente no processo de decisão do coletivo. Esse processo de luta também possibilitou a nomeação de cacicas em três das nove aldeias existente nesse território, como demonstra o Quadro 1:

Quadro1. Nome das lideranças por aldeia.

ALDEIA	LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA
Barrinha	Américo Costa Kaxarari (Manu) / Maria das Graças Martins Kaxarari
Txakuby	Paulo Costa Kaxarari / Antônia Bessa Pinheiro kaxarari
Central	Ivaneide Saide de Souza Kaxarari (Porexá) / Sem Vice-Liderança
Nova	Miguel Alves Costa Kaxarari / Maria Costa Kaxarari
Marmelinho	Domingos Martins Kaxarari / Rita Alves Costa Kaxarari
Buriti	Manoel Monteiro Mariano Kaxinauá (Maru) / Raimunda Martins Costa Kaxarari (Nauaria Koiké)
Pedreira	Marizina Cézar Kaxarari (Ynaipá) / Joabe (Negão) Kaxarari
Paxiuba	Lucilene Souza da Silva Kaxarari / Franco Cézar Kaxarari
Kawapu	José Cézar Kaxarari (Mayá) / João Souza da Silva Kaxarari(Rixá)

Fonte: NOGUEIRA, F. R. Relatório etnográfico da Terra Indígena Kaxarari. 2018.

Portanto, a luta pela defesa do território foi o principal fator que impulsionou a participação ativa das mulheres Kaxarari nas atividades de diferentes naturezas que fazem parte do cotidiano do coletivo indígena, seja nas atividades tradicionalmente domésticas ou nas atividades um pouco mais recentes de lideranças como cacicas. De acordo com Nunes *et al.* (2019, p. 497) entre o povo Kaxarari:

[...] no passado não havia relatos de mulheres cacicas, mas atualmente as mulheres chegam ao cacicado e partem em busca da melhoria da qualidade de vida do seu povo com um olhar feminino que atenta para o coletivo, que dá espaço ao diálogo com a juventude, com as demais mulheres do coletivo, com os idosos e com os homens.

Importa ressaltar que tradicionalmente a cultura Kaxarari atribui à mulher as tarefas de cuidar, seja da casa, dos filhos, dos anciãos, das pequenas criações de animais ou da roça da família. As mulheres também demarcam tradicionalmente sua presença nas atividades relacionadas ao ensino, pois cabe à elas o ensino da língua e do artesanato aos mais jovens.

Conhecendo suas tradicionais responsabilidades associadas ao cuidar e ao ensino, as mulheres Kaxarari possuem uma percepção muito particular e repleta de nuances sobre os aspectos relacionados à educação, à saúde e à produção rural e artesanal de todo o coletivo indígena.

Percepções da mulher Kaxarari e o recorte de gênero

Discutir as principais demandas relacionadas à educação e saúde entre povos indígenas é uma tarefa complexa devido à diversidade de povos e de culturas existentes no Brasil. Quando a proposta inclui um recorte de gênero, como é o caso da percepção feminina sobre as demandas do coletivo indígena, essa complexidade se intensifica, pois a atuação das mulheres indígenas na produção do espaço, bem como demais contribuições durante muito tempo foram invisibilizadas nos registros históricos e na literatura acadêmica, incluindo entre os estudos geográficos. Segundo Alves, Alves e Nascimento Silva (2019, p. 237):

Apesar da pluralidade de objetos e sujeitos que podem ser investigados pela Geografia e da possibilidade da Ciência Geográfica analisar e discutir cientificamente estas novas temáticas, a popularização destes temas dentro do pensamento geográfico é algo que ainda encontra fortes resistências, principalmente no meio acadêmico e científico brasileiro.

Apesar das ausências em termos de registros científicos, o cotidiano das mulheres indígenas é repleto de signos e significados que perpassam a cosmogonia dos povos e que nem sempre se fazem presentes no cotidiano da sociedade não indígena. De acordo com Nunes *et al.* (2019, p. 496):

Discutir educação e saúde entre povos indígenas, a partir da percepção das mulheres, requer estudos sobre gênero, diversidade, diferenciação e cultura, a fim de evitar o equívoco de abordagens essencialistas e genericadas. Logo, os estudos relacionados às questões de gênero entre povos indígenas devem considerar a interconexão entre conceitos trazidos pela academia e aspectos relacionados ao modo de vida e cosmogonia de cada povo, tendo o cuidado em não recorrer na generificação dos povos ou no essencialismo, se constituindo em um processo complexo.

Tão ou mais complexo quanto o conhecimento do modo de vida e cultura de um povo são os estudos que se propõem a analisar fenômenos relacionados às questões de Gênero entre os povos indígenas. Apesar das reflexões sobre gênero estarem presentes no

cotidiano das sociedades desde a antiguidade, existem especificidades que são próprias de cada cultura e sociedade e que se modificam em função do espaço e do tempo.

Desde las culturas más primitivas hastas hoy, las distintas comunidades humanas han reflexionado sobre el significado de ser hombre y mujer, y han definido algún tipo de ordenbasadoenlas diferencias sexuales. Todas las sociedades establecen diferencias entre lo que se considera masculino y lo que se considera femenino, pero La posición que mujeres y hombres ocupan, sus actividades, sus limitaciones y sus posibilidades varían significativamente en cada grupo humano (HERNÁNDEZ HIRSCH, 2015, p. 2)

Sendo o estudo sobre as mulheres indígenas e sua relação com as questões de gênero um fenômeno sociocultural, um dos motivos que resultam em uma percepção particular sobre o mesmo é que a partir da cosmogonia e da cultura de cada povo esta luta pode assumir diferentes significados para o coletivo, que podem variar em função do tempo. Segundo Almeida Silva (2015):

A compreensão sobre o papel da mulher nas coletividades indígenas relaciona-se a elementos interpretativos originados na cosmogonia, em que as formas e representações balizam a coesão e as relações socioespaciais do coletivo, de modo que representam mais do que a divisão social e sexual do trabalho, porque existem atividades específicas que são permitidas ou não entre os gêneros. (p. 198)

Dentro da comunidade indígena as mulheres Kaxarari exercem um papel importantíssimo, pois além de serem responsáveis pelas atividades domésticas e atuarem como cacicas, também cuidam da família e é por este motivo que buscam a melhoria no acesso aos serviços de atenção básica à saúde, educação, produção rural e artesanal. De acordo com Alves (2018, p. 47):

Nas comunidades indígenas o trabalho da mulher está diretamente relacionado às relações sócio espaciais do coletivo. Apesar das mudanças no modo de vida ocasionadas pelo contato com a sociedade não indígena prevalecem os elementos interpretativos originados na cosmogonia que irão fundamentar as atividades permitidas às mulheres e homens.

Assim sendo, as atividades atribuídas tradicionalmente às mulheres indígenas estão diretamente relacionadas com a manutenção da vida e das relações sociais do coletivo e nem sempre estarão organizadas de acordo com divisão sexual do trabalho da sociedade não indígena, uma vez que estas atividades possuem sentido profundo e culturalmente ligado à cosmogonia dos povos. Talvez por estes motivos ainda sejam escassos os estudos acadêmicos relacionados a percepção e representação de questões do cotidiano indígena sob a perspectiva de gênero, especialmente na Geografia.

O olhar da mulher Kaxarari sobre as demandas da educação e saúde

Sabendo que, de acordo com o modo de vida e cultura do povo Kaxarari, as mulheres possuem ligação intensa com as atividades do cuidar, investigamos a percepção e avaliação das mulheres a respeito da educação e saúde ofertadas em seu território.

No Brasil a prestação de saúde aos cidadãos é uma atribuição do Sistema Único de Saúde –SUS que foi criado pela Constituição Federal de 1988 e é regulado pela lei no 8.080/90. O SUS tem muitas divisões internas que tem a função de atender situações específicas de saúde, como o subsistema de atenção à saúde indígena que foi criado por meio da lei no 9.836/99, conhecida como lei Arouca.

Segundo Nunes *et al.* (2019, p. 497) “De acordo com o parágrafo único do decreto nº 3156, de 27 de agosto de 1999, no Brasil as ações e serviços de saúde prestados aos indígenas pela União não prejudicam as desenvolvidas pelos Municípios e Estados, no âmbito do Sistema Único de Saúde.”

Apesar dos povos indígenas terem sido os primeiros habitantes do Brasil, as leis voltadas à saúde deles surgiram recentemente e sua atuação é ineficaz e precária. Essa precariedade foi demonstrada nas falas das mulheres indígenas do povo Kaxarari.

Tradicionalmente as mulheres Kaxarari repassam entre gerações saberes relacionados à gestação, ao parto, ao resguardo e ao cuidado com a saúde da família. Apesar da existência de saberes medicinais tradicionais entre os povos indígenas, as mulheres Kaxarari têm preocupação com a adesão à medicina convencional entre o coletivo, isso porque ao longo dos anos a prática da medicina tradicional está aos poucos sendo relegada ao desuso. Por outro lado, a medicina convencional não atende com frequência as demandas do coletivo. Portanto, sabendo da importância da percepção da mulher Kaxarari sobre as práticas da medicina tradicional e da sua preocupação com o acesso da comunidade a medicina convencional, compreendemos que a percepção delas é fundamental para o mapeamento das demandas relacionadas ao tema, pois atualmente “(...) emerge nova forma de entender os cuidados com a gestação e o parto, enquanto os papéis sociais desempenhados pelos cuidadores das grávidas e parturientes são redefinidos” (FERREIRA, 2013, p. 212).

Essa redefinição não indica que as mulheres Kaxarari deixaram de operar com os saberes “incorporados” (LAGROU, 2007), adquiridos ao longo de sua trajetória de assistência as parturientes e sim que elas puderam apropriar-se dos conhecimentos e objetos advindos do mundo do branco e dessa forma acumularam (...) diferentes saberes e recursos para os transformar ao lhes atribuir novos papéis e significados nos contextos socioculturais de que agora eles fazem parte. Assim, incorporados na vida com o parto, os conhecimentos e os materiais disponibilizados pelos cursos também se tornam “incorporados (FERREIRA, 2013, p. 212).

A mulher indígena Kaxarari é sensível às questões que afetam diretamente a qualidade de vida do coletivo e ressalta que a ineficácia das políticas públicas de saúde indígena no atendimento das demandas do povo Kaxarari contribuem para que o coletivo seja frequentemente a cometido por várias patologias como infecções respiratórias, hepatite, doenças sexualmente transmissíveis, malária, tuberculose, sífilis, doenças gastrointestinais e outras enfermidades.

A pesquisa de campo evidenciou que a percepção da mulher Kaxarari aponta como principais demandas relacionadas à saúde do coletivo as seguintes pautas:

- Promoção de saúde bucal nas nove aldeias da terra indígenas ofertada por profissional (dentista) com ações necessárias à promoção, recuperação e preservação.
- Implementação dos Serviços de Atenção Básica para as mulheres indígenas nas nove aldeias, voltados para a proteção, promoção e recuperação, de acordo com a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, Portaria do Ministério da Saúde nº 254 de 31 de janeiro de 2002.
- Capacitação do Agente Indígena de Saúde (AIS), de acordo com as Diretrizes e Orientações para a Qualificação, do Ministério da Saúde (MS).
- Ações educativas relacionadas às doenças crônicas não transmissíveis-DCNT, como: hipertensão arterial, diabetes e câncer.
- Disponibilização de medicamentos da Farmácia Básica de forma a contemplar as necessidades indígenas na aldeia;

É possível constatar que as demandas consideradas como prioritárias pelas mulheres do coletivo evidenciam a precariedade da saúde pública que é ofertada aos indígenas, uma vez que correspondem aos serviços básicos e que podem ser considerados de baixa complexidade. Portanto, o olhar feminino Kaxarari evidencia a ineficiência do poder público em relação à promoção da saúde indígena e esse fenômeno demonstra que esse povo continua a margem da sociedade brasileira.

Fenômeno semelhante ocorre com a avaliação feminina em relação as demandas da educação do coletivo Kaxarari. Vale destacar que a participação das mulheres indígenas na educação do coletivo é intensa e ativa. Segundo Almeida Silva (2015, p. 200):

A importância da mulher é mais que uma mera continuidade reprodutiva, representa a ideia de coesão da família como multiplicadora da educação, cultura, valores morais, cosmogônicos e históricos a seus filhos, sendo ainda o sustentáculo imprescindível ao homem, através do trabalho que permite a renda familiar e a qualidade de vida.

Em relação à educação, as mulheres Kaxarari se preocupam com a qualidade do ensino que ofertado no território e também com as condições de acesso e permanência na escola, seja no nível fundamental, médio ou no nível superior. Segundo a percepção feminina, as principais demandas almejadas por elas foram:

- Oferta de programas educacionais aos indígenas para todas as séries do ensino médio, para todas as aldeias;
- Criação de programas específicos (EJA), para adultos nas escolas indígenas;
- Alfabetização do indígena em português, assegurando a língua a que pertence;
- Oferta de programas educacionais aos indígenas para a educação infantil;
- Creches para todas as aldeias;
- Acesso à tecnologia (internet disponível na terra indígena);
- Máquina eletrônica (computador) e dispositivo de impressão (impressora) em todas as aldeias;

As demandas mapeadas pelas mulheres Kaxarari evidenciam a realidade da educação que é vivenciada nas escolas da Terra Indígena Kaxarari, que atualmente oferta apenas o ensino fundamental I e II (Figura 3). Para concluir o ensino médio os alunos precisam deslocar para o distrito de Extrema, localizado a 40 quilômetros da comunidade.



Fonte: ALVES, H. V. da S. Acervo Pessoal. 2019.

Figura 3. Mulheres Kaxarari em frente à escola da comunidade.

Em determinadas épocas do ano o acesso à terra indígena fica extremamente difícil por causa das fortes chuvas que impossibilitam o tráfego pelas estradas não pavimentadas, prejudicando assim o cumprimento do calendário escolar nas escolas da cidade, e com isso a maioria dos jovens só estudam até o fundamental II, não tendo oportunidade de terminar a educação básica, dificultando ainda mais o acesso ao ensino superior.

As escolas da comunidade não possuem internet, sistema de ventilação, espaço para lazer e a estrutura física é extremamente precária, demonstrando o descaso por parte das políticas públicas.

Demandas da produção rural e artesanal segundo a avaliação das mulheres Kaxarari

Para compreender as demandas da produção rural e artesanal apontadas pelas mulheres Kaxarari é preciso compreender o funcionamento da organização econômica local, que atualmente é fundamentada na agricultura de subsistência, extração da castanha, na caça e na pesca (SANTA ROSA, 2008).

Desse modo, as mulheres Kaxarari desenvolveram habilidades para o beneficiamento dos produtos oriundos da produção agrícola, como o pé de moleque, o beiju e a farinha que são preparados da massa da mandioca que é o principal produto local.

Além das habilidades de beneficiamento, as mulheres Kaxarari comercializam a castanha como forma de complementar sua renda. Porém, a castanha tem seu ciclo de coleta definido, que é de janeiro a abril. Desse modo, devido a sazonalidade no extrativismo da castanha, torna-se difícil o sustento integral durante o ano todo na comunidade. Além da sazonalidade existe a redução da lucratividade da castanha em função da presença dos atravessadores, como mencionado por Santa Rosa (2008, p. 11):

A venda da castanha ocorre entre os meses de janeiro e fevereiro quando as chuvas cessam um pouco facilitando assim o acesso a aldeia a produção é vendida a um atravessador que vem buscar o produto na beira do rio reduzindo assim os lucros da comunidade.

As estradas não pavimentadas são um entrave ao escoamento da produção, pois dificultam o acesso à comunidade nos períodos de chuvas e isso coopera para que a produção agrícola dos Kaxarari fique limitada apenas ao seu sustento. Ao realizar um recorte de gênero a respeito da produção rural das comunidades indígenas podemos perceber a existência da divisão sexual do trabalho e os motivos que fundamentam tal divisão são complexos e permeados por aspectos sociais e culturais. Segundo (6) Iza Tapuia (2016):

No contexto das comunidades, o mundo dos homens e das mulheres está muito bem definido. Se você pega um roçado, por exemplo, os homens vão limpar, derrubar as árvores abrir o espaço. Já o plantio e por nossa conta. A gente tem essa relação mais próxima com a terra e tudo tem a ver com a reprodução. A terra reproduz a semente é? E a gente produz os outros membros do grupo para não deixar nosso povo acabar.

Foi possível identificar a existência de uma forma de divisão sexual do trabalho entre os Kaxarari, pois as mulheres têm suas próprias roças, ou seja, além da roça da família (que normalmente é cuidado pelo homem), existem as roças que são cuidadas exclusivamente pelas mulheres e nelas são cultivadas banana, pupunha, açaí e a mandioca como produto principal. Alves (2018, p. 50) afirma que:

(...) a relação da mulher com a agricultura é tão intensa que algumas mulheres têm suas próprias roças, onde decidem o que será cultivado e como será cultivado. Nas roças femininas, a maioria da produção é destinada ao consumo da família. Porém, as roças que são destinadas a comercialização e não ao consumo costumam ter predominância da presença masculina.

A produção realizada pelas mulheres Kaxarari inclui a produção rural das suas roças e o artesanato, como: cestarias feitas com bambu, cipó e palha, adornos com penas de aves, palhas, miçanga, sementes, fibras, entre outros. A produção artesanal também é uma forma encontrada pelas mulheres Kaxarari para gerar renda o sustento da sua família.

Sabendo que as mulheres Kaxarari enfrentam vários problemas em relação à produção rural e artesanal como a dificuldade de coleta, produção, beneficiamento e comercialização dos seus produtos, apresentamos as principais demandas segundo a percepção das mulheres do coletivo:

- Assessoria de técnicos agrícolas para orientar sobre a correta utilização do solo.
- Maquinários para arar o solo e tornar possível o cultivo de produtos necessários a dieta alimentar, como: macaxeira, mandioca, banana, abacaxi e outros.
- Construção de um açude para criação de peixes e orientação técnica para a prática da piscicultura.
- Transporte para escoar as produções.
- Melhoria nas estradas e pontes que dão acesso à terra indígena.
- Sacolinhas para a confecção de mudas frutíferas (açaí, tucumã, cupuaçu e outros)

- Telas para cercar e cobrir as hortas.
- Recipientes para transporte e armazenamento das sementes silvestres (açai, tucumã e outras)
- Moenda de cana-de-açúcar.
- Arame para fazer cercado.
- Maquinário para estruturar adequadamente a casa de farinha.
- Mangueira para irrigação.
- Telas para fazer galinheiro.
- Chocadeiras.
- Ferramentas e equipamentos como boca de lobo e carrinho de mão.
- Maquinário e instrumentos para qualificação da produção artesanal, como alicates, máquina para furar sementes, lixadeiras e outros.
- Capacitação para aperfeiçoamento das técnicas de artesanato.
- Um espaço (ateliê, casa ou ponto de cultura) para produção artesanal coletiva.

As demandas consideradas relacionadas à produção rural e artesanal apontadas pelas mulheres Kaxarari como prioritárias demonstram a ausência de investimentos do Estado na região, uma vez que boa parte das demandas mencionadas corresponde a itens e insumos de baixo custo, como mangueiras para irrigação, telas, arames e outros. As demandas por assistência técnica demonstram a ineficácia das políticas públicas destinadas à melhoria da produção rural no Estado de Rondônia, pois sabendo da existência de associações entre o povo Kaxarari seria um processo relativamente simples a prestação de assistência técnica rural, seja pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia – EMATER ou pelo Serviço de Aprendizagem Rural - SENAR, dessa forma seria possível o desenvolvimento de práticas e técnicas capazes de aprimorar a produção local, bem como de iniciar o beneficiamento de parte da produção e o incremento de novas culturais que diversificariam o mix de produtos a serem oferecidos aos compradores.

Identificou-se também a dificuldade de acesso às linhas de crédito específicas para produtores rurais, pois caso a comunidade tivesse acesso ao crédito rural, parte das demandas relacionadas à infraestrutura e maquinário poderia ser facilmente atendida.

O apontamento de demandas diversificadas sugere que as mulheres Kaxarari conhecem e compreendem que a comunidade precisa de investimentos, ainda que em pequena escala, para que seja possível otimizar a produção rural e artesanal, bem como viabilizar sua comercialização. Dessa forma, essas mulheres compreendem que é possível alcançar a melhoria da qualidade de vida do coletivo através da melhoria da produção rural e artesanal e da sua comercialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, que a mulher possui um papel social e econômico muito importante para o coletivo Kaxarari, pois tradicionalmente elas detêm a responsabilidade pelas atividades do cuidar: seja o cuidado com a casa, com os filhos, com os demais familiares, com o ensino da língua e da cultura ou os cuidados com a roça da família.

Dadas as suas responsabilidades no cotidiano do coletivo, as mulheres Kaxarari possuem um olhar repleto de nuances sobre os aspectos da educação, da saúde, da produção rural e artesanal. Nesse contexto, as tradicionais responsabilidades femininas compartilham lugar como desejo de autonomia financeira e acadêmica, pois as mulheres Kaxarari da atualidade buscam lugares de fala onde possam expressar sua opinião e

apresentar não apenas as suas demandas, mas lutar pelo reconhecimento e atendimento das demandas de seus filhos e demais familiares dentre as quais estão inseridas o acesso à educação de qualidade em todos os níveis e a possibilidade de permanência na escola, a garantia do acesso à saúde seja dentro ou fora do seu território, o acesso à tecnologias, assistência técnica e meios de melhoria da produção rural e artesanal, bem como o acesso à linhas de crédito para produtores rurais e à mobilidade para escoamento da produção.

Essa busca pelo reconhecimento e atendimento das demandas do coletivo impulsiona as mulheres Kaxarari a pensar e repensar a forma como produzem espaço e se relacionam com o coletivo e com a sociedade envolvente, pois elas sabem que a melhoria da qualidade de vida perpassa o atendimento, ainda que parcial, das demandas mapeadas pelo coletivo. O desejo de autonomia se relaciona diretamente com o empoderamento de conhecimentos e de renda, pois o olhar feminino versa atenção especial para a necessidade de autonomia financeira que pode ser alcançada através da melhoria e diversificação da produção rural e artesanal e do escoamento integral dessa produção.

Apesar das suas individualidades, as mulheres Kaxarari percebem pontos de convergência em relação ao mapeamento das principais demandas do coletivo e percebem que o reconhecimento e atendimento das mesmas perpassa a união feminina e prol da melhoria na educação, na saúde e na produção rural e artesanal em um discurso coletivo e articulado que as represente.

A busca por autonomia financeira e pelo empoderamento através do conhecimento e da renda foi evidenciada através da observação participante e do discurso coletivo, dando provas de que a percepção da mulher a respeito do valor do seu trabalho e das mudanças positivas que ele pode proporcionar ao coletivo e bem elaborada e tem como foco principal proporcionar melhorias e investimentos para o coletivo. Ao mesmo tempo em que também evidenciam a ineficácia das políticas públicas destinadas à melhoria da saúde, da educação e da produção em terras indígenas. Acreditamos que a ação organizada do coletivo, especialmente em associações atuantes, é um caminho capaz de provocar a atuação do Estado no território indígena e de estimular a atuação efetiva das instituições responsáveis pela promoção da saúde, educação e melhoria da produção indígena.

É nesse contexto de ação organizada que as mulheres indígenas devem assumir um papel de destaque, pois podem atuar em sub coordenações ou em associações próprias e dessa forma acessar recursos públicos e privados, sejam nacionais ou internacionais, destinados especificamente a ações relacionadas à melhoria da qualidade de vida das mulheres indígenas e/ou a defesa de seus direitos.

NOTA

6 Entrevista disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmídias/destaque-outras-mídias/acomplexa-luta-das-mulheres-indigenas-contr-o-estupro/>

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA SILVA, A. de. **Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**. Jundiá: Paco Editorial, 2015.
- ALVES, H. V. da S. A importância da mulher para a vida social, cultura e econômica da Terra Indígena Rio Guaporé. In: CERQUEIRA, C. C. A. X.; ALVES, H. V. da S.

(org.). **Diálogos Geográficos: saberes, conhecimentos tradicionais, etnocientíficos e territorialidades alternativas.** Curitiba: CRV, 2018.

ALVES, H. V. da S.; ALVES, H. A. da S.; NASCIMENTO SILVA, M. das G. S. Argentina, o destino da liberdade? Narrativas LGBT e intersecções entre gênero, sexualidade, fronteiras e imigração. *In: Seminario Latinoamericano de Geografía, Género Y Sexualidades*, 4., 2019, Buenos Aires. **Anais [...]**. Tandil, Buenos Aires: Universidad Nacional del Centro de La Provincia de Buenos Aires, 2019.

FERREIRA, L. O. A emergência da medicina tradicional indígena no campo das políticas públicas. **História, Ciências, Saúde–Manguinhos.** Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 203-219, jan./mar. 2013.

HERNÁNDEZ HIRSCH, P. **Los estudios de la Mujer y el Género.** Material del curso “Nuevas miradas sobre Género y Etnicidad”, impartido en UAbierta, Universidad de Chile, 2015.

LEFEVRE, A. M.; LEFEVRE, F. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo.** 2. ed. Brasília: Liberlivro, 2012.

MATOS, M. H. O. Mulheres no movimento indígena: do espaço de complementariedade ao lugar da especificidade. *In: SACCHI, A.; GRAMKOW, M. M. (orgs.). Gênero e povos indígenas: coletânea de textos produzidos para o “Fazendo Gênero 9” e para a “27ª Reunião Brasileira de Antropologia”.* Brasília: Museu do Índio-FUNAI, 2012. p. 140-171.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FIGUEIREDO, M. Z. A.; CHIARI, B. M.; GOULART, B. N. G. de. Discurso do sujeito coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualiquantitativa. **Distúrb. Comun,** São Paulo, v. 25, n. 1, p. 129-136, abr. 2013.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL–ISA. Povos indígenas no Brasil. **Kaxarari.** Brasília-DF, 2009. Disponível em: <http://goo.gl/hcSFyM>. Acesso em: 29 mar. 2019.

NASCIMENTO SILVA, M. das G. S.; SILVA, J. M. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2014.

NUNES, R. S.; ALVES, H. V. da S.; KAXARARI, R. A. C. Educação e saúde na Terra Indígena Kaxarari: uma avaliação das demandas sob o olhar feminino. *In: Seminario Latinoamericano de Geografía, Género Y Sexualidades*, 4., 2019, Tandil, Buenos Aires. **Anais [...]**. Tandil, Buenos Aires: Universidad Nacional del Centro de La Provincia de Buenos Aires, 2019.

SANTA ROSA, I. B. Políticas públicas e gestão ambiental da Terra Indígena Kaxarari: um estudo de caso da Aldeia Marmelinho – Rondônia. *In: Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional*, 4., 2008, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]**. Santa Cruz do Sul, 2008.

SANTANA, M. J. P. de; ALVES, H. V. da S. KAXARARI, C. C. C. Produção rural e artesanal: percepções femininas e as demandas referentes ao trabalho da mulher Kaxarari. *In: Seminario Latinoamericano de Geografía, Género Y Sexualidades*, 4., 2019, Tandil, Buenos Aires. **Anais [...]**. Tandil, Buenos Aires: Universidad Nacional del Centro de La Provincia de Buenos Aires, 2019.